

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/354281613>

NOTAS ARQUEOLÓGICAS SOBRE O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NA CULTURA MARAJOARA, BAIXO AMAZONAS

Article in *Amazônica - Revista de Antropologia* - September 2021

DOI: 10.18542/amazonica.v13i1.9290

CITATIONS

0

READS

15

2 authors, including:



Klaus Hilbert

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

25 PUBLICATIONS 131 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Archaeology and Geoinformatics: modeling and analysis of migrations in the pre-colonial settlement of the Amazon [View project](#)



Pesquisas arqueológicas na região do médio Amazonas: Revisitando a coleção de P.P. Hilbert" [View project](#)

NOTAS ARQUEOLÓGICAS SOBRE O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NA CULTURA MARAJOARA, BAIXO AMAZONAS

Klaus Hilbert  

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PPGHIS

Peter Paul Hilbert  

In memoriam (1914-1989)

submissão: 14/04/2021 | aprovação: 11/08/2021

RESUMO

O uso de substâncias psicoativas, como mostram referências etnográficas, é comum nas Américas do Sul e Central. Evidências arqueológicas da cultura material das terras baixas amazônicas, entretanto, têm recebido pouca atenção ou não foram reconhecidas como tal. Desse modo, pequenos recipientes de cerâmica com bicos atribuídos à fase Marajoara, alguns como representações zoomórficas que foram associados ao uso de “colheres”, interpretamos como artefatos para o armazenamento do “paricá” ou aplicados, diretamente, como inaladores dessas substâncias psicoativas. Imaginamos o uso da “colher de paricá” da seguinte maneira: o bico curto do recipiente, cheio de pó de rapé, é inserido em uma narina, a outra é fechada com o polegar. A abertura do recipiente é tampada com os dedos ou com a palma da outra mão. A inspiração cria um vácuo no interior do recipiente. A abertura repentina e a inalação simultânea sugam o rapé para o interior do nariz. Aqui, nove exemplares, que fazem parte da Coleção de Arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi em Belém, são apresentados e descritos.

Palavras-Chave: Arqueologia; Cultura Marajoara; Substâncias psicoativas; “Paricá”.

ARCHAEOLOGICAL NOTES ON THE USE OF PSYCHOACTIVE DRUGS IN THE MARAJOARA

CULTURE, LOWER AMAZON

ABSTRACT

The use of psychoactive substances, as evidenced by ethnographic data, is quite common throughout South and Central America. Archaeological evidences of material culture of such practices from the Amazonian lowlands, however, have received little attention or have not been significantly recognized. For example, the small ceramic vases with spouts from the Marajoara phase, some with zoomorphic designs, have traditionally been associated with their use as an eating utensil or a “spoon”. We propose their true purpose was to serve as containers for snuff storage or directly as inhalers of psychoactive substances, such as the “paricá-powder”. The “snuff spoon” spout of the container, filled with “paricá”, would be inserted into one nostril, the other being closed with the thumb. The opening of the container would be covered with the fingers or the palm of the other hand. Inhalation creates a vacuum inside the container and the sudden opening and simultaneous inhalation sucks the snuff into the user’s nose. Here, nine specimens, which are part of the archaeology collection at the Museu Paraense Emílio Goeldi in Belém, are presented and described.

Keywords: Archaeology; Marajoara culture; Psychoactive substances; “Parica”.

NOTAS ARQUEOLÓGICAS SOBRE EL USO DE SUBSTANCIAS PSICOACTIVAS EN LA CULTURA

MARAJOARA, BAJO AMAZONAS

RESUMEN

El uso de sustancias psicoactivas, como lo demuestran los datos etnográficos, es común en América del Sur y Central. Sin embargo, evidencias arqueológicas de la cultura material de las tierras bajas amazónicas han recibido poca atención o no ha sido reconocida como tal. De esta forma, pequeños recipientes de cerámica con boquillas de la cultura Marajoara, algunos como representaciones zoomorfas, se asociaron con el uso de “cucharas” y no como artefactos para almacenamiento del rapé o aplicados directamente como inhaladores de sustancias psicoactivas, como el “paricá”. Imaginamos el uso de la “cuchara para paricá” de la siguiente manera: el pico corto del recipiente, lleno de “paricá”, se inserta en una fosa nasal, la otra se cierra con el pulgar. La apertura del recipiente se cubre con los dedos o la palma de la otra mano. La inhalación produce un vacío dentro del recipiente. La apertura repentina y la inhalación simultánea succionan el rapé por la nariz. Aquí se presentan y describen nueve ejemplares, que forman parte de la Colección de Arqueología del Museu Paraense Emílio Goeldi en Belém.

Palabras-clave: Arqueología; cultura Marajoara; sustancias psicoactivas; “Paricá”.

1. REGISTROS ETNOGRÁFICOS

Para muitos grupos indígenas das florestas tropicais americanas, agentes narcóticos e estimulantes desempenham um papel importante nas relações sociais e culturais. A inalação de substâncias psicoativas em forma de rapé, por exemplo, é comum no Oeste e no Noroeste da Amazônia, na Guiana, no Caribe, na Amazônia média e baixa, no Gran Chaco e também nas regiões andinas (Nordenskiöld 1930, Wassén 1967, Holmstedt & Lindgren 1967, Nuñez 1967-68, Furst 1972, Zerries 1980, Llagostera et al. 1988, 2006, Rátsch 2005, De Smet 2019).

1.1 INFORMAÇÕES ETNOBOTÂNICAS RELACIONADAS AO RAPÉ

A substância básica para a preparação de psicoativos em forma de rapé é obtida de várias plantas que contêm alcaloides. A maioria das informações está disponível relacionada a uma espécie de leguminosa: *Anadenanthera peregrina* var. *peregrina* ou *Mimosa acacioides* ou *Piptadenia peregrina* (Lewin 1964, Emboden 1980, De Smet 2019). O pó que é obtido a partir das sementes dessa planta, torradas e trituradas, é denominado de “paricá” (língua geral). Outros nomes de diferentes regiões da América do Sul e de outras parcialidades indígenas para a mesma substância são, por exemplo, “mori” (Kaxinawá), “niopo” (na

Venezuela), “curupa” (Omágua) e “cohoba” (no Haiti) (Baldus 1950, Frickel 1961, Sangirardi 1983, Wilbert 1987, De Smet & Rivier 1987, Knobloch 2000, Torres 2007).

Uma substância psicoativa semelhante ao rapé é feita de folhas ou das cascas de plantas da família da noz-moscada, a *Myristicaceae* e duas espécies do gênero *Virola*, que os Waiká chamam de “epena” e os Ye’kwana de “hakúdufha” (Koch-Grünberg 1917, Seitz 1967). Ambas as substâncias psicoativas contêm os alcaloides *dimetiltriptamina* (DMT), também presente na ayahuasca, e a *bufotenina*. Estudos têm mostrado que a composição dos alcaloides dentro da planta pode variar, dependendo se as folhas ou a casca foram usadas para produzir o “epena”. Na *Virola theidora*, por exemplo, a concentração principal de alcaloides está na casca, enquanto na *Virola calophylla*, o DMT, foi encontrado exclusivamente nas folhas (Aguirell, Holmstedt, Lindgren, Schultes 1969).

Frequentemente, além das substâncias químico-botânicas básicas conhecidas nas preparações de *Anadenanthera* e *Virola*, outras plantas são adicionadas. Por exemplo, “substância perfumadas”, como a *Justicia pectoralis* var. *stenphylla* e a *Elizabetha princeps* ou cinzas finamente moídas a partir da casca do cacau selvagem, *Theobroma subincanum* (Wassén 1971).

Acima de tudo, o uso de tabaco (*Nicotina tabacum*) é amplamente utilizado como aditivo (Lévi-Strauss 1948, Nimuendajú 1948a, 1948b, 1952, Agurell, Holmstedt, Lindgren, Schultes 1969, Hartmann 1981). Muitas vezes, a inalação do pó de tabaco (rapé) não pode ser claramente separada da inalação de substâncias psicotrópicas, mesmo regionalmente. Dos Tukano, Nimuendajú (1952) relatou que as substâncias inaláveis usadas não continham “paricá”, mas consistia em fumo torrado em pó.

Essa diversidade no seu modo de preparo, nas variações dos ingredientes, nas práticas e no uso do rapé, pode estar relacionada com a diversidade ambiental, mas também com a dinâmica dos contatos entre as diversas parcialidades indígenas. Desse modo, a presença de diversas plantas que pertencem a diferentes e distantes sistemas ecológicos da América do Sul sugere que plantas e/ou partes delas contendo substâncias psicotrópicas circularam através de uma rede de intercâmbio por todo continente, entre as regiões andinas centrais e litorâneas, entre as áreas tropicais amazônicas e subtropicais (Ogalde et al. 2017).

Fora do foco principal, mas dentro do contexto das substâncias que provocam alucinações entópticas, não se pode ignorar o consumo do chá de ayahuasca (Rivier & Lindgren 1972). Por sua grande importância simbólica e religiosa, não

só entre as parcialidades indígenas americanas no passado e contemporâneas, mas por sua popularidade em uma escala quase mundial. Em um levantamento efetuado por Labate, Santos, de Rose, Anderson (2007), por exemplo, mais de 450 títulos bibliográficos sobre o chá de ayahuasca foram coletados, publicados em dinamarquês, holandês, inglês, francês, alemão, italiano, norueguês, português e espanhol. Esse estudo foi aprofundado e interpretado de acordo com seu impacto na comunidade acadêmica por Antunes (2011). Outro indicativo da importância de ayahuasca está relacionado com uma nova compreensão dos consumidores do chá enteógeno, não como “usuários de drogas”, mas como devotos de uma prática religiosa e cultural, está no pedido do registro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) da ayahuasca ser reconhecida como patrimônio imaterial brasileiro (Neves 2017).

1.2 CONJUNTO DE PARAFERNÁLIA PARA O USO DO “PARICÁ”

Os dispositivos usados para cheirar entorpecentes são semelhantes, apesar das diferenças regionais e culturais. Miller et al. (2019) relatam a descoberta de um conjunto de artefatos muito bem preservados por causa das condições climáticas áridas, relacionados ao uso de

substâncias psicoativas, encontrados na “Cueva del Chileno” no Sudoeste da Bolívia. Análises químicas comprovaram a existência tanto de *harmine* quanto de *dimetiltryptamina* (DMT), principais ingredientes de ayahuasca, bem como do “paricá”. A tralha xamânica de mil anos de idade consistia em uma bolsa grande de couro, dois tabuleiros de madeira, com uma cavidade central para o depósito do pó psicoativo, adornados com duas figuras humanas, um tubo antropomórfico para cheirar com duas tranças de cabelo humano presas a ele, uma pequena bolsa feita da pele costurada de três focinhos de raposas, duas espátulas de osso de camelídeos, dois pequenos pedaços de material vegetal seco preso a cordas de lã e fibra vegetal e uma faixa para a cabeça, uma testeira, em tecido policromado.

Baseado na ilustração de Alexandre Rodrigues Ferreira (1885-1888), mostra-se outro conjunto completo para o uso de substâncias psicoativas inaláveis dos Maué, composto por um pilão de madeira para esmagar as sementes, uma pequena escova, um recipiente para armazenar o pó de rapé pronto para o consumo, feito de um grande caracol terrestre *Strophocheilus* sp., um tabuleiro para depositar o rapé, um banquinho para sentar e vários tipos de tubos para cheirar, feitos de ossos de animais ou de taquara (Valle Cabral 1886-1878, De Smet & Rivier 1987). Em vez de uma concha

de caracol, cuja abertura é geralmente selada com um espelho de vidro, uma pequena cabaça com um bico de osso ou um recipiente feito de bambu são usados para proteger o rapé da umidade. O bico dos recipientes é bem fechado com um tampão feito de madeira leve ou uma folha seca enrolada (Koch-Grünberg 1921). O tubo para cheirar pode ser também feito de um osso de pássaro, de um tubo comprido de taquara ou de uma folha enrolada.

O rapé é despejado do recipiente, diretamente na palma da mão, em uma folha ou em uma tábua de rapé. As tábuas de rapé dos Maué, conhecidos como notórios “cheiradores”, podiam ser ricamente decoradas com madrepérola (Rodrigues Ferreira 1885-88). Na extremidade, essas tábuas eram frequentemente decoradas com cabeças de cobras, jacarés ou com símbolos de borboletas (Serrano 1941, Wassén 1967). O pó psicoativo podia ser soprado no nariz do consumidor por um assistente ou ele mesmo podia inalá-lo através de dois tubos de ossos longos, colados com uma resina em forma de “V”, colocando uma das extremidades do tubo em sua boca e a outra em sua narina. O pó era projetado no nariz com um sopro forte. Entre os grupos indígenas do rio Guaporé, por exemplo, a ponta do tubo inalador, que podia ter até 1 m de comprimento, fora desenhada como uma cabeça de pássaro (Lévi-Strauss 1948). Outros, dos Maué, acabam em uma pequena cabaça que

servia de depósito para o rapé. Além de inaladores ósseos simples e duplamente conectados, os Witoto também têm espécimes em forma de “X”. Assim, duas pessoas podiam soprar o pó quase simultaneamente no nariz uma na outra (Crévaux 1983).

2 REGISTROS LITERÁRIOS

Os relatos de testemunhas oculares e observações dos primeiros cronistas e viajantes fornecem várias informações importantes. A primeira referência ao uso de substâncias psicoativas em forma de rapé na América do Sul vem de Ramón Pane, um monge da ordem de São Jerônimo que acompanhou Cristovão Colombo em sua segunda viagem à América (1493-96). Ele descreve em detalhes os costumes religiosos e ritos dos habitantes da Ilha do Haiti (Espanhola) e menciona, dentre outros assuntos, a “cheirada cerimonial” da “cohoba”. Até Colombo parece ter visto tal cerimônia. Nesse contexto, ele descreve mesas redondas decoradas com figuras de madeira ou de pedra em cujas cabeças o “cohoba” foi depositado (Colón 1947). Ramón Pane entra em mais detalhes e escreve que quando a “cohoba” começava a mostrar efeito, a cabeça do sujeito caía sobre o peito e os braços ficavam pendurados nas laterais do seu corpo. Permanecendo nesta posição, o intoxicado, depois de um certo tempo,

levantava a cabeça, olhava para o céu, invocava os “espíritos Cemís” nas montanhas assim mantendo contato com eles, com profecias sendo feitas para os eventos futuros (Arrom 1974).

Segundo relatos de testemunhas oculares, Biocca (1970) informa que entre indígenas do grupo Yanomami, do alto rio Negro, a cerimônia do rapé não ocorreria apenas em ocasiões sagradas, mas também poderia ser percebida como uma demonstração de força contra um grupo vizinho, interrompendo, eventualmente, as disputas tribais. A agressão podia levar a chicotadas mútuas e duelos de porretes entre os homens de ambas as partes durante a “festa do paricá”. Carl Friedrich Philipp von Martius (1867) relata algo semelhante, também de fontes secundárias de informantes, sobre os Maué. O festival que ele descreveu durou entre oito e dez dias. Depois de tomar bebidas inebriantes, os homens, em duplas, se batiam com chicotes de couro e, alternadamente, sopravam “paricá” no nariz um do outro. Chicotadas e flagelações em geral são comuns e são conhecidas em outras cerimônias e servem para aumentar a resistência física e mental (Nimuendajú 1948a). Von Martius (1867) menciona que houve até acidentes fatais nesses festivais, que não foram julgados como assassinato, mas sim atribuídos aos efeitos do rapé.

A maioria das informações etnográficas

indica alguma forma de uso sacro de substâncias psicotrópicas (Schultes & Hofmann 1979). Além de seu uso em ritos de iniciação, eles estão relacionados à magia ritual e à invocação de espíritos e seres sobre-humanos. Davi Kopenawa (2010), xamã Yanomami, em seu fascinante relato mitológico a respeito do começo do seu mundo, sobre os ancestrais animais, o início do céu e das florestas, depois de ter bebido pela primeira vez “yākoana”, narra que sempre teve curiosidade de conhecer os espíritos, pois estava fascinado nas suas imagens e nos seus cantos dos sonhos. Ele explica que os xamãs que possuem esses cantos sonham com sabedoria, que são tomados pelo poder das árvores da floresta e que são acompanhados em seus voos mais distantes, até chegarem às terras vazias e planas onde somente vivem os espíritos magníficos.

Além do sagrado e do espiritual, também são conhecidas ocasiões profanas de “paricá”. Deste modo, von Martius (1867) vê nenhuma relação causal entre cheirar “paricá” e ritos de iniciação. A “festa do paricá” entre os Mura é realizada quando as sementes da leguminosa estão maduras. De acordo com as observações de Marcoy (1866), “paricá” é consumido quando está disponível. Todos os que possuem “pó de paricá” convidam os outros para a “casa do paricá”, onde só são permitidos homens. “Paricá” não foi apenas

cheirado, mas também tomado como infusão (Nordenskiöld 1930, De Smet 2019). “Pó de paricá” foi até dado aos cães antes de irem caçar. Esse fenômeno foi observado por Farabee (1922) entre os indígenas da região peruana de Montaña e por Spruce (1874) entre os caçadores Catauish no rio Purus (Soentgen & Hilbert 2016). “Epéna”, uma preparação da *Viola*, também era usada como veneno de flecha pelos Yanomami no Noroeste do Brasil (Becher 1960).

Semelhante ao uso do tabaco, outras substâncias psicoativas em forma de “paricá” têm múltiplas funções como estimulantes da indulgência, medicamentos e tóxicos. Embora diferentes em seus efeitos, há sem dúvida uma conexão entre cheirar tabaco e “paricá” preparadas com *Viola* e *Anadenanthera*. Ferreira (1885-88) chama o rapé usado pelos Maué de “tabaco-paricá”. E o espanhol Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdes (1956), cronista oficial da corte espanhola no século XVI, chamou o tubo de inalar substâncias psicoativas dos indígenas Aruaque das Grandes Antilhas de “tabaco”, o que certamente é um mal-entendido, mas ainda poderia mostrar uma certa ligação.

Aguell, Holmstedt, Lindgren e Schultes (1969) mostraram em seu trabalho sobre “epéna”, uma substância que provoca alucinações entópticas, que quando ela é tomada, leva a distúrbios na avaliação das relações de tamanho, que são expressas na

macropia ou micropsia. O monge Ramón Pane também menciona que os indígenas acreditam que as casas ficam com os telhados para baixo e que as pessoas andam com os pés no ar (Arrom 1974). No caso das visões entópticas, ocorrem distorções do ambiente e mudanças de cor, e que a impressão de voar e a identificação com os pássaros parecem ser generalizadas. Com a ajuda da substância, que desencadeia o efeito de voar e que muda a forma de sentir, os indígenas conseguem entrar em contato com o mundo imaginário e espiritual. Lévi-Strauss (1948) fala da necessidade de os indígenas entrarem em contato com os espíritos animais. O uso de simbolismo animal na decoração de tabuleiros de rapé, frequentemente representado como *alter ego*, é certamente uma indicação dessas experiências.

3 REGISTROS ARQUEOLÓGICOS

Apesar do uso generalizado de substâncias psicoativas na região amazônica, como se pode deduzir de evidências etnográficas, as informações arqueológicas de cultura material sobre o uso de substâncias inaláveis são escassas. Henry Wassén (1967, 1971) mostra em seus estudos sobre substâncias psicoativas que existem paralelos quase idênticos entre as regiões áridas do Noroeste da Argentina e Norte do Chile (Atacama) aos tabuleiros de rapé dos Maué e Mura, a partir de achados arqueológicos (Núñez 1967, Wassén 1970,

Willey 1971, Llagostera et al. 1988, 2006).

As alças dessas bandejas planas de madeira são decoradas com representações de felinos na posição de *alter ego* e são datadas do período cerâmico médio de San Pedro II, entre cerca de 600 d.C. e 1000 d.C. Tubos de cerâmica com anexos antropomórficos são interpretados por Naranjo (1969) como tubos de inalar substâncias psicoativas. Lothrop (1926) descreve quatro exemplos de dispositivos de inalar rapé em sua publicação sobre a cerâmica da Costa Rica e da Nicarágua. São pequenos vasos ornitomorfos, cujas penas da cauda funcionam como bicos de inalação da substância. Pequenos vasos de cerâmica com bicos, também ocorrem na fase Mabaruma da Guiana (Meggers & Evans 1960). Da cultura Chorrera, no Equador (1000 d.C. - 1600 d.C.), são conhecidos dois tubos de cerâmica, um antropomórfico com três faces sobrepostas e um zoomórfico em forma de jacaré (Lathrap et al. 1976).

3.1 INALADORES DA CULTURA MARAJOARA

Recipientes inaladores (“colher de paricá”) semelhantes como acima descritos são conhecidos da região amazônica, da Ilha de Marajó e atribuídos à cultura Marajoara. Localizada na foz do rio Amazonas, a Ilha de Marajó mede cerca de 50.000 km. É caracterizada por duas zonas de vegetação e sistemas ecológicos diferentes: floresta tropical no

Oeste e savana tropical com matas de galeria no Leste. A cultura marajoara data entre os séculos VIII e XIV (Hilbert 1952, Meggers & Evans 1957, Roosevelt 1991).

A cultura marajoara pode ser encontrada quase exclusivamente nas planícies aluviais na parte oriental da ilha, onde seus habitantes se estabeleceram em montes residenciais e cemitérios monumentais construídos artificialmente.

Uma rica variedade de cerâmicas cerimoniais e funerárias, que se distinguem por sua complexa técnica de decoração, extensa expansão territorial e uma densidade populacional relativamente grande, são, dentre outras características, consideradas como evidências de um sistema social estruturado e sociopoliticamente diferenciado da cultura marajoara (Schaan 1997, 2009). Existem diferentes suposições sobre a origem desta cultura: Meggers e Evans (1957, 1958) defendem um modelo explicativo difusionista baseado na proposta de Steward (1949).

Derivam da fase marajoara, por sua complexa cultura material e, sobretudo, por seus fenômenos singulares na região amazônica, de tradições arqueológicas igualmente complexas com cerâmicas policromas das regiões andina e subandina. Entretanto, Roosevelt (1991), Brochado (1980), Schaan (1997, 2009) e outros enfatizam expressamente o caráter nativo dessa cultura

amazônica. Eles percebem a cultura marajoara como resultado de um processo perfeito de adaptação ao meio ambiente e, ainda, consideram a capacidade de usar e manipular a fauna e a flora da várzea de forma direcionada e adquirida ao longo do tempo. Só assim é possível explicar o alto nível tecnológico da cerâmica, os aterros monumentais habitacionais e a diferenciada e complexa estrutura sociopolítica dessa cultura.

Além das cerâmicas simples do cotidiano, são conhecidas as grandes urnas funerárias antropomórficas, policromas, incisas e decoradas com apliques e outros pequenos vasos e objetos de cerâmica ricamente decorados. Fusos, alargadores de orelhas e lábios, carimbos de rolos, pingentes, estatuetas, tangas, flautas, maracás (Hilbert 1988), bancos de cerâmica, recipientes com bicos etc., dão uma impressão do amplo espectro da cultura e do material cerâmico da cultura marajoara.

Palmatary (1950) e Meggers e Evans (1957) referem-se aos vasos com bico como “colheres”. Experimentos com esses objetos mostrariam que, apesar do orifício do bico ser relativamente pequeno, ainda oferecia suporte suficiente para um pau de madeira e que essa cerâmica podia, perfeitamente, ser usada como colher. Por outro lado, Meggers e Evans (1957) descartam a função para esse tipo de artefato com bico, como cachimbo de tabaco, uma vez que o bico e a perfuração, com

algumas exceções, ficariam muito próximos da borda do recipiente, e o fumo não receberia ar suficiente ao ser aceso.

3.1.1 USO DOS INALADORES OU “COLHER DE PARICÁ”

Conhecendo o material etnográfico e arqueológico, preferiu-se seguir o modelo explicativo de Wassén (1967, 1971) e colocar esses objetos de cerâmica com bicos em estreita ligação com o uso de substâncias psicoativas. Embora esses dispositivos de “paricá” diferem um pouco na forma e no manuseio dos paralelos etnográficos conhecidos, seu uso enquanto objetos para portar e introduzir substâncias psicoativas parece mais provável do que sua função como colheres de cerâmica. Roosevelt (1991) vê os pequenos vasos com bicos da fase Marajoara, que eram encontrados nas urnas como oferendas aos mortais, também em um possível contexto funcional com substâncias psicoativas e os chama de *snuffers*. Os vasos de cerâmica com bicos da fase Marajoara podem ter servido tanto como recipientes de armazenamento para um rapé quanto diretamente para a inalação da substância. Imagina-se o uso da “colher de paricá” da seguinte forma:

- Coloca-se uma quantidade adequada de “pó de paricá” no recipiente.

- A boca do bico é inserida em uma das narinas

e a outra narina é fechada com o polegar.

- Fecha-se bem a abertura do vaso com os dedos ou com a palma da outra mão e inspira, isso cria um leve vácuo dentro do vaso.

- A abertura repentina e a inalação simultânea criam uma sucção que projeta o rapé para o interior do nariz.

3.1.2 CLASSIFICAÇÃO DOS INALADORES

Pelo que se sabe, as coleções do Museu Americano de História Natural, do Museu Nacional dos Estados Unidos, do Museu dos Índios Americanos e do Museu da Universidade da Filadélfia abrigam uma série de inaladores do tipo “colher de paricá” da fase Marajoara (Palmatory 1950, Meggers & Evans 1957, Roosevelt 1991). O Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), de Belém, possui nove exemplares da Ilha de Marajó, apresentados aqui.

Ao classificar as “colheres de paricá” da fase Marajoara, de acordo com suas características técnicas, formais, métricas e decorativas, fica evidente uma dicotomia do inventário. Dois grupos de classes podem ser formados. O primeiro inclui vasos esféricos redondos ou ligeiramente ovais que não foram decorados ou que possuíam apenas alguns escassos elementos decorativos. (Figuras 1, 2, 3, 4). Os exemplos do segundo grupo de formas são vasos zoomórficos, relativamente planos, ovais

e todos com incisões finas, hachurados-zonados, engobo vermelho ou branco ou decorados com apliques (Figuras 5, 6, 7, 8, 9). Esses grupos de tipos também podem ser separados metricamente a partir da relação entre as medidas do diâmetro interno da borda e a altura do recipiente. Enquanto os recipientes esféricos variam entre 5 cm e 4,5 cm de diâmetro de borda e 6 cm e 4,5 cm de altura dos artefatos, os exemplos zoomórficos têm entre 4,5 cm e 9 cm de diâmetro e 3 cm e 5 cm de altura. Dois espécimes do grupo zoomórfico saem um pouco da amostra da distribuição normal do padrão métrico, pois são consideravelmente maiores em tamanho do que qualquer outro exemplo. A relação entre o diâmetro da borda e a altura é em torno de 1:1 para os vasos esféricos, enquanto varia em torno de 2:1 para os espécimes zoomórficos.

No entanto, não se sabe qual grupo formal é mais antigo e qual é o mais recente. Conforme o modelo explicativo de Meggers e Evans (1957), segundo o qual a fase Marajoara chegou à ilha já plenamente desenvolvida e só então ocorreu um declínio gradual, mas contínuo, as “colheres de paricá” de desenho zoomórficos com técnicas e motivos ornamentais complexos seriam os mais antigos; e os simples, os vasos esféricos, cronologicamente atribuídos ao período mais recente da fase Marajoara. Após a seriação das formas especiais dessa fase, Meggers e Evans

(1957) também mostraram que as “colheres” são geralmente mais frequentes na seção estratigráfica mais antiga da fase Marajoara e que a porcentagem na seriação diminui claramente no final dessa sequência cultural. Analogamente à ideia de Roosevelt da fase Marajoara como uma cultura amazônica autóctone, uma sequência dos dois grupos de formas também seria reversível, a saber, primeiro, cronologicamente, a dos inaladores simples e esféricos, e depois o grupo de espécimes zoomórficos complexamente decorados.

Os motivos das variações formais podem ter causas cronológicas, funcionais e simbólicas. A cultura marajoara foi claramente estruturada hierarquicamente, como se pode ver, por exemplo, a partir dos bens mortuários (Meggers & Evans 1957, Roosevelt 1991, Schaan 1997, 2009). As variações formais no design das “colheres de paricá” podem, portanto, indicar diferenças sociais entre os respectivos usuários. Para se obter uma resposta satisfatória a essas questões, devem ser realizadas investigações mais extensas sobre as várias classes funcionais e estilísticas do material cerâmico, à maneira realizada por Barreto (2016). As “colheres de paricá” como grupo especial, devido ao seu pequeno número, não são adequadas para fornecer soluções para esse problema e certamente não são o objetivo deste trabalho.

Como já mostrado, a correlação entre a

decoração zoomórfica das “colheres de paricá” tanto do contexto etnográfico quanto arqueológico, e o uso de substâncias psicoativas é altamente significativo. Nos exemplos etnográficos, jacarés, cobras, tartarugas aquáticas, pássaros e insetos desempenham um papel importante como elementos decorativos e simbólicos de acompanhamento desses artefatos. Por outro lado, depende-se de conjecturas e correspondências etnográficas para a atribuição de significados para os símbolos representados por animais nas “colheres de paricá” da fase Marajoara. No contexto iconográfico dos inaladores da cultura marajoara, a presença de tartarugas, escorpiões e borboletas parece ser importante. Os primeiros são atribuídos à parte feminina do mundo na cosmologia indiana, enquanto os escorpiões são considerados a “arma” dos e das xamãs. Símbolos femininos em combinação com atributos dos e das xamãs. De acordo com as ideias de Roosevelt (1991), a arte marajoara poderia refletir a elevada posição social e o importante status religioso ou místico das mulheres na cultura marajoara.

3.1.3 DESCRIÇÃO DOS INALADORES DE RAPÉ DA FASE MARAJOARA

Tipo esférico

Vaso esférico pequeno, bico quebrado na base. Fase Marajoara. Localização: Ilha de Marajó, Rio

Camutins, Fazenda São Marcos. Tipo: Inajá-Simples. Dimensões: 7,5 cm de comprimento, 6 cm de altura e 5 cm de largura. Decoração: abaixo da borda extrovertida, uma incisão rasa, com cerca de 8 mm de largura, ranhura riscada-escovada, com borda levemente modelada. Em frente ao bico quebrado, duas saliências planas.

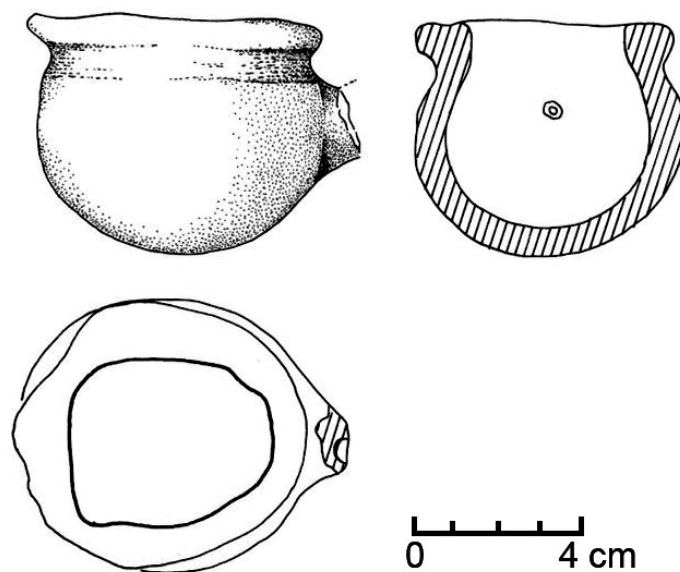


Figura 1 - Vaso pequeno, esférico, bico quebrado na base (vaso n. 1), fase Marajoara. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

Vaso pequeno e esférico com um bico puxado para cima. Fase Marajoara. Localização: Ilha de Marajó, Rio Camutins, Fazenda São Marcos. Tipo: Inajá-Simples. Dimensões: 10,5 cm de comprimento, 6,5 cm de altura, 7 cm de largura. Decoração: abaixo da borda extrovertida uma incisão rasa, escovada com cerca de 1,5 cm de largura circunferencial.

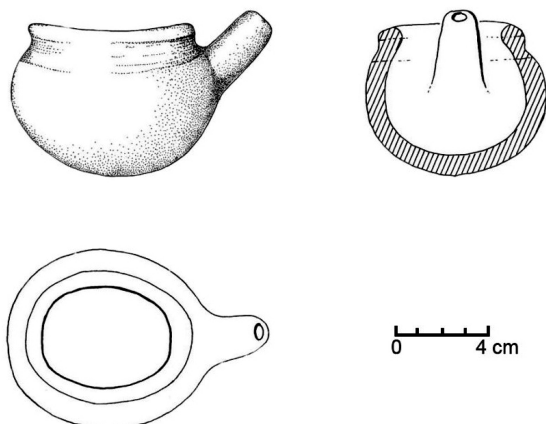


Figura 2 - Vaso esférico com bico puxado para cima (vaso n. 2). Fase Marajoara. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

Vaso esférico com bico curto e reto, incompleto. Fase Marajoara. Localização: Ilha do Marajó, Rio Camutins, Fazenda São Marcos. Tipo: Inajá-Simples. Dimensões: 7,5 cm de comprimento, 4,5 cm de altura, 6,5 cm de largura. Decoração: incisões rasas, planas, desfiadas, reticuladas. Uma zona circunferencial riscada - escovada de 5 mm de largura que pode ser vista abaixo da borda. Do lado oposto ao bico há uma fratura, que provavelmente provém de um aplique modelado.

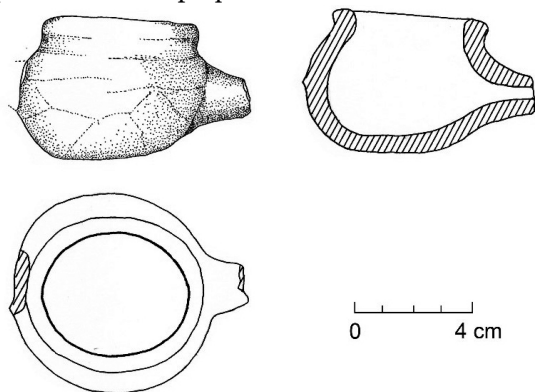


Figura 3 - Vaso esférico com bico curto reto, incompleto preservado (vaso n. 3). Fase Marajoara. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

Um vaso esférico, ligeiramente oval, o bico quebrado na base. Fase Marajoara. Localização: Ilha do Marajó, Rio Camutins, Fazenda São Marcos. Tipo: Inajá-Simples. Dimensões: 8,5 cm de comprimento, 6 cm de altura, 7 cm de largura. Decoração: decoração plástica, pequenos apliques em forma de botão nas laterais, em frente ao bico quebrado, uma modelagem em forma de alça. A borda da abertura oval é levemente puxada para cima, nos lados opostos, como se fosse um barco.

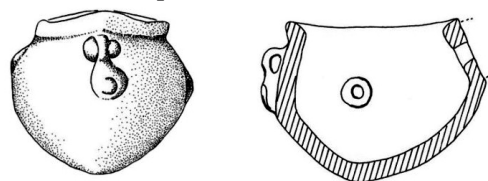


Figura 4 - Vaso esférico, ligeiramente oval, com bico quebrado no ponto de fixação (vaso n. 4). Fase Marajoara. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

Tipo zoomórfico

Recipiente com decoração zoomórfica, achatado, oval, alongado com bico curto e reto. Fase Marajoara. Localização: Ilha de Marajó, Rio Camutins, Fazenda São Marcos. Tipo: Inajá-Simples. Dimensões: 15 cm de comprimento, 3,5 cm de altura e 8 cm de largura. Decoração: tipo Arari-vermelho-inciso (Meggers & Evans 1957).

O recipiente possui um desenho zoomórfico. O bico curto e reto representa a cauda de um animal, a cabeça consiste em vários apliques curvados. Abaixo da borda, motivos ondulados, incisões circunferenciais sinuosas em engobo vermelho. Na parte inferior do recipiente – dorso do animal – amplas incisões na técnica do “*champ-levé*”, um motivo que lembra um inseto estilizado ou escorpião.

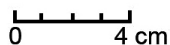
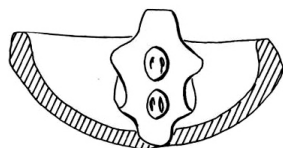


Figura 5 - Vaso com decoração zoomórfica, plano, oval alongado com um bico curto e reto (vaso n. 5). Fase Marajoara. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

Recipiente com decoração zoomórfica, achatado, oval alongado, com bico curto e reto. Fase Marajoara. Localização: Ilha de Marajó, Rio Camutins, Fazenda São Marcos. Tipo: Inajá-Simples. Dimensões: 10,5 cm de comprimento, 4 cm de altura e 6,5 cm de largura. Decoração: o artefato é projetado em forma zoomorfa. A cauda do animal é feita em forma de bico. A cabeça consiste em duas saliências colocadas uma abaixo da outra e lembra uma boca aberta. Há uma saliência plana na borda do vaso, sob a qual a cabeça e a cauda do animal são contornadas. O design do recipiente lembra uma tartaruga aquática.

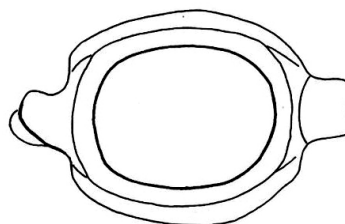
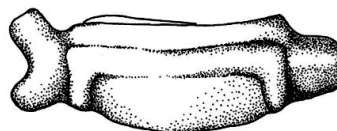


Figura 6 - Vaso com decoração zoomórfica, oval alongado, com bico curto e reto. (Vaso n. 6). Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

Recipiente ovalado, zoomórfico, oval, alongado, com um bico curto como se fosse a cauda do animal e uma cabeça pequena ao lado oposto. Fase Marajoara. Localização: Ilha de Marajó. Tipo: Inajá-Simples. Dimensões: 12,5 cm de comprimento, 5 cm de altura e 9 cm de largura. Decoração: incisões finas em engobo vermelho escuro e modelado. O recipiente tem um desenho zoomórfico, a pequena cabeça do animal estilizado é composta por elementos moldados em forma de botões. Abaixo da borda há uma faixa incisa composta por unidades retangulares. Uma modulação, que circunda o meio do recipiente, é decorada com entalhes planos. Abaixo da elevação, há outra faixa que consiste em unidades retangulares. O centro oval na parte inferior é dividido em quatro seções por incisões finas. Três quartos são preenchidos com linhas paralelas, um quarto com triângulos concêntricos.

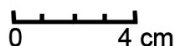
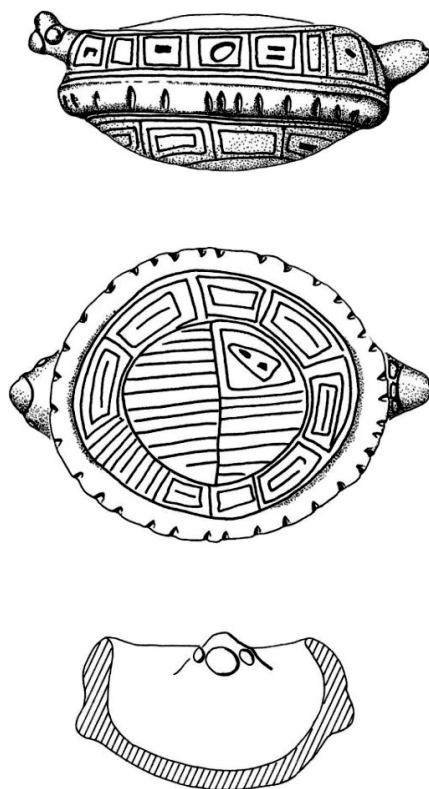


Figura 7 - Recipiente zoomórfico pequeno, plano, bico como cauda do animal e cabeça pequena (Vaso n. 7). Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

Vaso zoomórfico pequeno, achatado, sem cabeça e cauda. Fase Marajoara. Localização: Ilha de Marajó, Rio Camutins, Fazenda São Marcos. Tipo: Inajá-Simples. Dimensões: 6,5 cm de comprimento, 3 cm de altura e 6 cm de largura. Decoração: tipo Arari-vermelho-inciso, engobo vermelho, incisões finas, gravuras largas, ponteados e modelagem. Todo o recipiente é coberto por engobo vermelho. A decoração incisa foi aplicada posteriormente, após a pintura na argila ainda mole. Na borda há

uma modelação circunferencial, com a cabeça e a cauda do animal sendo contornadas em um arco. A borda é decorada com uma fileira de pontos e uma linha fina incisa. No fundo do artefato encontra-se uma figura zoomórfica, constituída por espirais dispostas simetricamente em direções opostas, aplicadas na técnica “*champ-levé*”. O motivo é uma reminiscência de um inseto (borboleta). Como nas figuras 6 e 7, o recipiente é semelhante a uma tartaruga aquática.

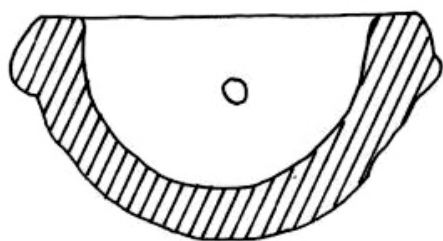


Figura 8 - Recipiente zoomórfico pequeno, plano, sem cauda e cabeça (Vaso n. 8).
Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

Pequeno recipiente zoomórfico. Fase Marajoara. Localização: Ilha de Marajó. Tipo: Inajá-Simples. Dimensões: 8 cm de comprimento, 3 cm de altura e 6,5 cm de largura. Decoração: tipo Arari-inciso-vermelho, incisões finas, engobo vermelho e brancos, inciso-zonados e modelagem. O interior do recipiente é pintado de branco e o exterior com engobo vermelho. No exterior, a toda a volta do recipiente, há uma borda decorada com pequenas e rasas depressões e entalhes, a intervalos

regulares, sendo que a cabeça e a parte da cauda estão integradas nesta barra modelada. A borda é decorada com linhas paralelas e finas. Uma figura antropomórfica incisa com a técnica “*champ-levé*” pode ser vista na base. A figura, cuja cabeça é composta por sinais geométricos retangulares, encontra-se sentada com as pernas cruzadas e os braços erguidos. No colo da figura há um motivo retangular, provavelmente representando um tabuleiro de rapé.

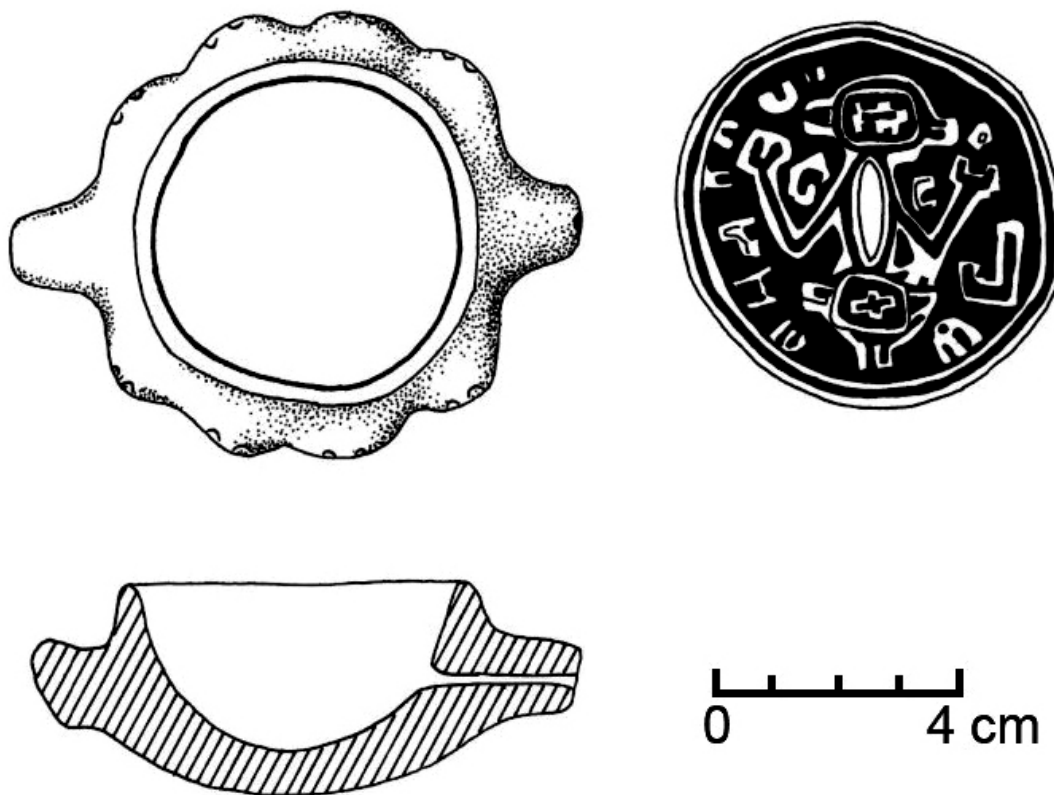


Figura 9 - Pequeno vaso zoomórfico com decoração antropomórfica (vaso n. 9).
Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de substâncias psicoativas, de acordo com as demonstrações das referências etnográficas, é comum nas Américas do Sul e Central. As substâncias psicoativas mais citadas e mais estudadas são as chamadas de “paricá” ou “epena”. A substância básica do “paricá” é obtida a partir de sementes torradas e trituradas da leguminosa *Anadenanthera Peregrina* e misturadas a elementos, como o tabaco e partes de plantas de outras espécies. Já a substância psicoativa “epena” é extraída das folhas ou da casca de *Myristacacaen* e seus gêneros *Virola*.

Tendo em vista o consumo do pó de rapé, é necessário um conjunto de instrumentos, a saber: tubos inaladores em diferentes designs, tabuleiro de rapé, pilões para triturar as sementes, folhas ou casca e recipientes para armazenar o “paricá” pronto para o consumo.

Evidências arqueológicas das terras baixas amazônicas sobre o uso de substâncias psicoativas têm recebido pouca atenção ou não foram reconhecidas como tal. Pequenos vasos de cerâmica, alguns com decoração zoomórfica com bicos da fase Marajoara, da Ilha de Marajó estão associados ao uso de substâncias psicoativas em forma de “paricá”. Paralelos a esses vasos de cerâmica podem ser encontrados na Costa Rica, Equador, Colômbia e Guiana. Os pequenos vasos

de cerâmica com bicos provavelmente serviam como recipientes de armazenamento para o rapé psicoativo ou eram usados diretamente como um dispositivo de uso dele. Imagina-se o uso da “colher de paricá” da seguinte maneira: o bico curto do recipiente cheio de rapé é inserido em uma narina, a outra fechada com o polegar. A abertura do recipiente é fechada com os dedos ou a palma da outra mão. A inspiração cria um vácuo no interior do recipiente. A abertura repentina e a inalação simultânea sugam o rapé para o interior do nariz.

Formalmente, as “colheres de paricá” podem ser divididas em dois grupos de tipos diferentes. Um tipo, presumivelmente mais recente, é hemisférico, com incisões fugazes e traços de escovado paralelos à borda. O outro tipo, geralmente na figura de uma tartaruga, e projetado de forma zoomórfica, decorado com engobos vermelhos, incisões finas e largas.

Peter Paul Hilbert, que estudou parte desse material aqui apresentado já na década de 1950, como assistente de pesquisa no Museu Paraense Emílio Goeldi em Belém, jamais concordou com a interpretação desses recipientes especiais da fase Marajoara lidos por Betty Meggers e Clifford Evans como “colheres”. Além do aspecto funcional, o uso de colheres de cerâmica simplesmente não se enquadra na imagem que ele tinha de uma cultura indígena da região amazônica. O uso

dessas cerâmicas como dispositivos de inalação lhe parecia mais plausível, especialmente porque há exemplos semelhantes o suficiente e paralelos correspondentes em contextos etnográficos e arqueológicos. Na mesma trilha estava Henry Wassén, que muito publicou sobre esse tema, ao colocar esses objetos em conexão com o uso de substâncias psicoativas e compará-los com exemplos da Costa Rica e do Equador. Tornando público uma outra versão resumida deste artigo no *Baessler-Archiv, Neue Folge* (40:1-17, 1992), sob o título *Archäologische Hinweise zum Gebrauch von halluzinogenen Schnupfdrogen in der Marajoara-Kultur, Unterer Amazonas*.

AGRADECIMENTOS

Denise foi minha aluna no mestrado de História da PUC-RS em meados dos anos 1990. Decidida de estudar a cultura marajoara, desde o começo, enquanto suas colegas estavam preocupadas com a tradição Tupiguarani, com a Arqueologia

Missioneira ou com os caçadores-coletores dos Pampas, Denise escolheu como orientador o melhor especialista nessa área, o professor Brochado. Nesses tempos, aqui no Sul, Denise era uma “sereia fora d’água”. Lá fora, em alto-mar, ela conquistou o mundo e encantou a todas e todos. Agradeço à Denise pelas inúmeras conversas e trocas de ideias sobre a cultura marajoara e sobre a Arqueologia da Amazônia. Gostaria, nessa ocasião, de agradecer ao antigo diretor do MPEG, Dr. Guilherme de La Penha (*in memoriam*), cientista multifacetado que me abriu as portas da coleção de Arqueologia do MPEG para poder analisar e desenhar o material aqui apresentado, que meu pai já tinha estudado na década de 1950, quando era funcionário do Museu. Entre 1988 e 1990, o CNPq concedeu-me uma generosa bolsa de Pesquisador Visitante. Agradeço, retrospectivamente, a(o)s avaliadore(a)s anônimos do meu projeto que me deram a oportunidade de regressar ao Museu onde passei minha infância mágica.

REFERÊNCIAS

- Aguirell, S., B. Holmstedt, J-E. Lindgren, E. Schultes. 1969. The alkaloids in certain species of *Virola* and other South American plants of ethnopharmacologic interest. *Acta Chemica Scandinavia* 23:903-916.
- Antunes, H. F. 2011. A literatura antropológica e a reconstituição histórica do uso da ayahuasca no Brasil. *Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar* 3(2):76-103.
- Arrom, J.J. 1974. *Relación acerca de las antigüedades de las Indias de fray Ramón Pane*. México D. F: Ed. Siglo XXI.
- Baldus, H. 1950. Bebidas e narcóticos dos índios do Brasil. *Sociologia* 12(2):161-169.
- Barreto, C. 2016. O que a cerâmica marajoara nos ensina sobre fluxo estilístico na Amazônia, in *Cerâmica arqueológica amazônica, rumo a uma nova síntese*. Editado por C. Barreto, H. P. Lima, e C. J. Betancourt, pp. 115-124. Belém: IPHAN, Ministério da Cultura.
- Becher, H. 1960. Die Surára und Pakidái: Zwei Yanonámi-Stämme in Nordwestbrasilien, mit Anhang über die Sprache der Surára und Pakidái von Aryon D. Rodrigues. *Mitteilungen aus dem Museum für Völkerkunde in Hamburg* 26. Hamburg: Kommissionsverlag Cram, De Gruyter & Co.
- Biocca, E. 1970. *Yanoáma: The narrative of a white girl kidnapped by Amazonian Indians*. New York: E.P Dutton.
- Brochado, J.J.P. 1980. *The social ecology of the Marajoara culture*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia, Universidade de Illinois, Urbana, EUA.
- Labate, B.C., R.G. Santos, I.S. de Rose, B. Anderson. 2007. Bibliography of the Brazilian Ayahuasca Religions. https://www.researchgate.net/publication/242757555_Bibliography_of_the_Brazilian_Ayahuasca_Religions#fullTextFileContent. Acesso em: 25 nov. 2020.
- Colón, F. 1947. *Vida del Almirante Don Cristóbal Colón*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Crévaux, J. 1883. *Voyagens dans l'Amérique du Sul (1880-1881)*. Nancy: Berger-Lavrault.

- De Smet, P.A.G.M. 2019. *Ritual enemas and snuffs in the Americas*. Amsterdam: CEDL.
- De Smet, P.A.G.M., L. Rivier. 1987. Intoxicating Paricá Seeds of the Brazilian Maué Indians. *Economic Botany* 41(1): 12-16.
- Emboden, W. 1980. *Narcotic plants*. New York: Collier Books.
- Farabee, W. C. 1922. Indian tribes of Eastern Peru. *Papers of the Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology* 16.
- Frikel, P. 1961. Mori – A festa do rapé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia* 12:10-39.
- Furst, P.T. 1976. *Hallucinogens and Culture*. San Francisco: Chandler & Sharp Publishers, Inc.
- Hartmann, G. 1981. Tabak bei südamerikanischen Indianern, in *Rausch und Realität. Drogen im Kulturvergleich, Materialien zu einer Ausstellung des Rautenstraub-Joest Museum für Völkerkunde der Stadt Köln, 7. August bis 11 Oktober 1981*. Editado por Völger, G., pp. 224-235. Berlin: Rowohlt.
- Hilbert, P.P. 1952. Contribuição à arqueologia da Ilha de Marajó. *Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará* 5.
- Hilbert, P.P. 1988. Eine Rassel der Marajoara-Phase, Insel Marajó, Amazonasmündung. *Baessler Archiv* 36(2):261-269.
- Holmstedt B., J.E. Lindgren. 1967. Chemical constituents and pharmacology of South American snuffs, in *Ethnopharmacology Search for Psychoactive drugs*. Editado por B. Holmstedt et al. pp. 339-373. Washington D.C: Government Printing Office.
- Knobloch, P.J. 2000. Wari Ritual Power at Conchopata: An Interpretation of Anadenanthera Colubrina Iconography. *Latin American Antiquity* 11(4): 387-402.
- Koch-Grünberg, Th. 1917. *Vom Roraima zum Orinoco. Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913*. Berlin: Dietrich Reimer.

Koch-Grünberg, Th. 1921. *Zwei Jahre bei den Indianern Nordwest-Brasiliens*. Stuttgart: Strecker & Schröder.

Kopenawa, D., B. Albert. 2010. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.

Lathrap, D., D. Collier, H. Chandra. 1976. *Ancient Ecuador culture, clay and creativity, 3.000-300 B.C.*, in Catalog of an exhibit organized by Field Museum of Natural History. April 18- August 15, 1975. Chicago.

Lévi-Strauss, C. 1948. The tribes of the right bank of the Guaporé river, in *Handbook of South American Indians. The tropical forest tribes*. Editado por J. H., Steward, pp. 371-379. Washington D.C.: Bureau of American Ethnology.

Lewin, L. 1964. *Phantastica: Narcotic and stimulations drugs. Their use and abuse*. London: E. P. Dutton & Co.

Llagostera, M.A, C.M. Torres, A. M. Costa. 1988. El complejo psicotrópico em Solar-3 (San Pedro de Atacama). *Estudios Atacameños* 9:61-98.

Llagostera, M.A. 2006. Contextualización e iconografía de las tabletas psicotrópicas Tiwanaku de San Pedro de Atacama. *Chungara* 38:83-111.

Lothrop, S.K. 1926. *Pottery of Costa Rica and Nicaragua*. Museum of the American Indian, Heye Foundation. New York: Vreeland Press.

Marcy, P. 1866. *Voyage de l'océan Pacifique à l'océan Atlantique a travers l'Amerique du Sul - Le Tour du Monde*. Paris: Librairie De L. Hachette

Martius, K.F.P von. 1867. *Beiträge zur Ethnographie von Sprachenkunde Südamerikas, zumal Brasiliens- Zur Ethnographie*. Leipzig: Friedrich Fleischer.

Meggens, B., C. Evans. 1957. *Archaeological investigations at the mouth of the Amazon*. Washington D.C.: Bureau of American Ethnology.

Meggers, B., C. Evans. 1958. Archaeological evidence for a prehistoric migration from the Rio Napo to the mouth of the Amazon, in *Migrations in the New World culture history*. Editado por R.T. Thompson, pp. 17-19. Tucson: University of Arizona.

Meggers, B; C. Evans. 1960. Archaeological investigation in British Guiana. *Bureau of American Ethnology* 177.

Miller, J. M., J. Albarracin-Jordanc, C. Moored, J. M. Capriles. 2019. Chemical evidence for the use of multiple psychotropic plants in a 1,000-year-old ritual bundle from South America. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States (PNAS)* 116(23):11207-11212.

Naranjo, P. 1969. Etnofarmacología de las plantas psicotrópicas de América. *Revista de Información Médica - Terapia* 24(1):5-62.

Neves, A. C. 2017. *O processo de patrimonialização da ayahuasca no Brasil: conquistas, disputas & tensões*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Brasil.

Nimuendajú, C. 1948a. The Maué and Arapium, in *Handbook of South American Indians. The tropical forest tribes*. Editado por J. H., Steward, pp. 245-254. Washington D.C.: Bureau of American Ethnology.

Nimuendajú, C. 1948b. The Maué and Pirahá, in *Handbook of South American Indians. The tropical forest tribes*. Editado por J. H., Steward, pp. 255-270. Washington D.C.: Bureau of American Ethnology.

Nimuendajú, C. 1952. The Tucuna. *Publications of American Archaeology and Ethnology* 45.

Nordenskiöld, E. 1930. The use of enema tubes and enema syringes among Indians. *Comparative Ethnographical Studies* 8:184-195.

Nuñez, L. 1967-68. Informe arqueológico sobre una muestra posible de narcótico del sitio Patillos-1 (Provincia de Tarapaca, Norte de Chile). *Årstryck - Göteborgs etnografiska museum* 1968:83-90.

Ogalde, J. P. et al. 2017. Consumo prehispánico de sustancias psicoactivas en el norte de Chile sugiere redes tempranas de intercambio con el altiplano central y la amazonía. *Interciencia* 42:459-463.

Oviedo y Valdes, G. F. 1956. Historia general y natural de las Indias, in *Biblioteca de autores españoles desde la formación del lenguaje hasta nuestros días*. Editado por Real Academia Española. Madrid: Atlas.

Palmatary, H. 1950. The pottery of Marajó Island, Brazil. *Transactions of the American Philosophical Society* 39(3).

Rätsch, C. 2005. *The Encyclopedia of Psychoactive Plants: Ethnopharmacology and Its Applications*. Rochester: Park Street.

Rivier, L., L-E. Lindgren, J.-E. 1972 'Ayahuasca', the South American Hallucinogenic Drink: An Ethnobotanical and Chemical Investigation. *Economic Botany* 26:101-129.

Rodrigues Ferreira, A. 1885-88. Diário de viagem philosophica pela Capitania de São José do Rio Negro, com a informação do estado presente. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 48:1-234.

Rodrigues Ferreira, A. 1885-88. Diário de viagem philosophica pela Capitania de São José do Rio Negro, com a informação do estado presente. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 49: 123-288.

Rodrigues Ferreira, A. 1885-88. Diário de viagem philosophica pela Capitania de São José do Rio Negro, com a informação do estado presente. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 50: 11-141.

Rodrigues Ferreira, A. 1885-88. Diário de viagem philosophica pela Capitania de São José do Rio Negro, com a informação do estado presente. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 51: 5-104.

- Roosevelt, A.C. 1991. *Moundbuilders of the Amazon: Geophysical archaeology on Marajó Island, Brazil*. San Diego: Academic Press.
- Sangirardi, Jr. 1983. *O índio e as plantas alucinógenas: plantas alucinógenas, excitantes narcóticos e psicodélicas*. Rio de Janeiro: Editora Alhambra.
- Schaan, D.P. 1997. *A linguagem iconográfica da cerâmica marajoara*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Schaan, D.P. 2008. A arte da cerâmica marajoara: encontros entre o passado e o presente. *Habitus: revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia* 5(1):99-117.
- Schaan, D.P. 2009. *Cultura Marajoara*. Rio de Janeiro: Senac Nacional.
- Schultes, E., A. Hofmann. 1979. *Plants of the Gods: Origins of hallucinogenic use*. New York: McGraw-Hill.
- Seitz, G. 1967. Epéna the intoxicating snuff powder of the Waika Indians and the Tucano medicine man. Ethnopharmacologic Search for Psychoactive Drugs. Proceedings of a Symposium, San Francisco, California. *Workshop Series in Pharmacology, Health Service Publications* 1645:315-38.
- Serrano, A. 1941. Los recipientes para paricá y su dispersión en América del Sur. *Revista Americana* 15.
- Soentgen, J., K. Hilbert. 2016. A química dos povos indígenas. *Química Nova* 39(9):1141-1150.
- Spruce, R. 1874. *Notes of a botanist on the Amazon and Andes*. London: Macmillan.
- Steward, J. H. 1949. South American cultures: An interpretative summery, in *Handbook of South American Indians - The Comparative study of South American Indians*. Editado por J. H., Steward, pp. 669-772. Washington D.C.: Bureau of American Ethnology.
- Torres, C.M. 2006. Anadenanthera: Visionary Plant of South America. *Economic Botany* 60 (3): 302-302.
- Valle Cabral, A. 1876-78. Alexandre Rodrigues Ferreira. Notícia das obras manuscritas e inéditas relativas à viagem Philosophica do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira pelas Capitánias do Grão-Pará, Rio

Negro, Matto Grosso e Cuyabá (1783-92). *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, 1(1), (2), (3).

Wassén, H. 1967. Anthropological survey of the use of South American snuffs. Ethnopharmacologic Search for Psychoactive Drugs. Proceedings of a Symposium, San Francisco, California. *Workshop Series in Pharmacology, Health Service Publications* 1645:233-289, Washington D.C.

Wassén, H. 1970. A naturalist's lost ethnographica collection from Brazil, Or the case 1787: A contribution to the study of South American Indian drugs. *Årstryck - Göteborgs etnografiska museum* 1960:32-52.

Wassén, H. 1971. Einige wichtige, hauptsächlich ethnographische Daten zum Gebrauch indianischer Schnupfdrogen. *Ethnographische Zeitschrift* 1:47-63.

Wilbert, J. 1987. *Tabacco and shamanism in South America: Psychoactive plants of the World*. New Haven/London: Yale University Press.

Wiley, G. 1971. *An introduction to American Archaeology: South America*. New Jersey: Prentice Hall.